

## **UM NOVO OLHAR PARA A OBRA A REPÚBLICA DOS BUGRES, DE RUY TAPIOCA: UMA RELEITURA CRÍTICA CONTEMPORÂNEA DE MEDIAÇÃO**

**ROSSI, Leonardo Augusto<sup>1</sup>**  
**CASAGRANDE, Suzana Ceccato<sup>2</sup>**

### **RESUMO:**

O romance histórico brasileiro contemporâneo passou por várias transformações ao longo do tempo, como discutido por Esteves em sua obra "O romance histórico brasileiro contemporâneo" (2010). Inicialmente, houve uma mistura entre o discurso histórico e o ficcional, sem uma clara distinção entre eles. Foi apenas no século XIX que essas duas áreas do conhecimento começaram a se separar, embora ainda haja pontos de interseção. A abordagem tradicional da história positivista costuma relatar os fatos do passado de acordo com a perspectiva dos poderosos da época, deixando de lado as vozes dos excluídos. Isso resulta em uma história incompleta, com lacunas que precisam ser preenchidas com novos fatos e versões. O gênero do romance histórico contemporâneo evoluiu ao longo das décadas, passando por três fases distintas: a tradicional, a crítica e desconstrucionista, e a mediativa. No romance "A República dos Bugres", o autor, Ruy Tapioca, desafia a narrativa histórica tradicional ao mesclar eventos do passado com acontecimentos contemporâneos, questionando a visão positivista presente nos livros didáticos. A pesquisa em questão busca destacar a obra de Tapioca como um exemplo da fase mediativa do romance histórico contemporâneo, de acordo com a teoria de Fleck (2017). Essa fase é caracterizada pela revisão crítica da história oficial, oferecendo uma análise política e social contemporânea dos eventos passados. A metodologia da pesquisa envolve análise literária, enfocando os recursos narrativos e estruturais da obra para destacar suas características mediativas. Além disso, a pesquisa busca explorar a polifonia na obra, as intertextualidades, a paródia e a sátira como elementos que a aproximam da fase mediativa do romance histórico contemporâneo. Em resumo, o estudo visa evidenciar como "A República dos Bugres" se encaixa na fase mediativa do romance histórico contemporâneo, destacando suas características únicas e sua relevância na revisão crítica da história brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** A república dos Bugres, mediação na história, releitura crítica, romance histórico contemporâneo.

### **"A FRESH PERSPECTIVE ON THE WORK 'A REPÚBLICA DOS BUGRES' BY RUY TAPIOCA: A CONTEMPORARY CRITICAL REINTERPRETATION OF MEDIATION"**

### **ABSTRACT**

The contemporary Brazilian historical novel has undergone several transformations over time, as discussed by Esteves in his work "Contemporary Brazilian Historical Novel" (2010). Initially, there was a blending of historical and fictional discourse without a clear distinction between them. It was only in the 19th century that these two realms of knowledge began to separate, although intersections still exist. The traditional approach of positivist history typically reported past events from the perspective of the powerful of the era, leaving aside the voices of the marginalized. This results in an incomplete history with gaps that need to be filled with new facts and interpretations. The genre of contemporary historical novels has evolved over the decades, going through three distinct phases: the traditional, the critical

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de graduação em Letras, Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: leonardoaugustorossi@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Letras, pela Universidade do Oeste do Paraná UNIOESTE, professora do curso de graduação em Letras, Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: suzana.ceccato@gmail.com

and deconstructionist, and the mediative. In the novel "A República dos Bugres," the author, Ruy Tapioca, challenges traditional historical narrative by blending past events with contemporary occurrences, questioning the positivist view found in textbooks. This research aims to highlight Tapioca's work as an example of the mediative phase of contemporary historical novels, according to Fleck's theory (2017). This phase is characterized by a critical reevaluation of official history, offering a contemporary political and social analysis of past events. The research methodology involves literary analysis, focusing on the narrative and structural elements of the work to emphasize its mediative characteristics. Additionally, the study aims to explore the polyphony in the work, intertextual references, parody, and satire as elements that align it with the mediative phase of contemporary historical novels. In summary, the study seeks to demonstrate how "A República dos Bugres" fits within the mediative phase of contemporary historical novels, highlighting its unique features and its significance in the critical reexamination of Brazilian history.

**KEYWORDS: A República dos Bugres, mediation in history, critical reinterpretation, contemporary historical novel.**

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Esteves, em sua obra *O romance histórico brasileiro contemporâneo* (2010), houve muito tempo em que o discurso histórico e o ficcional se misturavam, sem haver pontos que os distinguíssem entre si, e isso não tinha tanta relevância. Esteves diz que, embora Aristóteles tenha pontuado a divisão dos dois (discurso histórico e discurso ficcional): o discurso histórico daria conta de fatos e o ficcional daquilo que poderia ter ocorrido, somente no século XIX que as duas áreas do conhecimento se separaram, contudo, isso não garante que haja uma total ruptura entre elas (Esteves, 2010).

Quando se fala de fatos históricos, o que é tratado hoje como História positivista nada mais é que um compilado de fatos contados a partir da visão de quem detinha o poder na época. No entanto, não se pode negar que também deva existir a história do que pode ter acontecido, silenciada por ser a versão dos excluídos da história, aqueles que não tinham voz. Assim, a história torna-se incompleta, havendo a necessidade de serem encontrados novos fatos e novas versões que preencham as lacunas deixadas pelo discurso do vencedor.

A princípio, apresentar uma releitura dos fatos históricos, mesclando-os ou não com acontecimentos e personagens ficcionais, seria a principal característica do gênero romance histórico, entretanto, são três as fases apontadas pelos estudiosos do gênero, as quais apresentam características distintas, como o modelo tradicional e a fase acrítica, a fase crítica e desconstrucionista e a fase mediativa.

No romance *A República dos Bugres*, o passado contado e idealizado é corrompido, sendo apresentada ao leitor uma nova versão da História do Brasil no

século XIX, recheada de imperfeições. Em várias passagens do romance, o autor recria acontecimentos do passado, mesclando-os com acontecimentos do momento da sua escritura, contestando a História positivista, presente nos livros didáticos.

A relevância deste estudo parte do fato de que as obras do autor Ruy Tapioca ainda são pouco exploradas no meio acadêmico e, o presente trabalho de investigação, além de divulgar o trabalho de Tapioca, aproxima a obra do romance histórico contemporâneo de mediação (Fleck, 2017).

A respeito dos estudos já realizados acerca da mesma temática, cita-se a tese de Cristiano Mello de Oliveira, da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada *O novo romance histórico brasileiro em travessias: A República dos Bugres e Conspiração Barroca, de Ruy Reis Tapioca* (2016), a qual evidencia a articulação entre tempo passado e presente, ao mesmo tempo que aponta como as obras trabalhadas desconstróem o discurso da história oficial, propondo uma crítica política e social às nações brasileira e portuguesa, analisando os fatos passados a partir de um olhar contemporâneo. Cita-se também o artigo de Hugo Moura Tavares, intitulado *Permanências e rupturas na obra A república dos Bugres, do escritor Ruy Tapioca* (2011), no qual o autor apresenta algumas permanências e rupturas na obra em relação ao modelo de romance histórico clássico, apresentado por George Lukács. Outro trabalho de grande relevância acerca da obra é o artigo da pós-doutora Marilene Weinhardt, especialista em literatura brasileira, intitulado *A República dos Bugres: a Atenas da América ou uma Botocúndia?* (2007), no qual a estudiosa analisa a construção narrativa, bem como o enredo, as personagens, o período histórico abrangido pela obra, o tempo e as estratégias narrativas utilizadas pelo autor.

Contudo, nenhum dos referidos trabalhos classifica a obra em uma fase específica do gênero romance histórico, o que propõe a presente pesquisa, uma vez que todas as características da fase mediativa do gênero são evidentes na narrativa.

O romance histórico contemporâneo de mediação é uma fase apresentada pelo professor Dr. Gilmei Francisco Fleck, em sua obra *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção* (2017), e por se tratar de uma teoria recente, ainda são poucos os estudos que a utilizam como base teórica, assim, a presente pesquisa pretende, além de caracterizar o romance em questão como um exemplo da fase, disseminar a teoria de Fleck para que outras análises de romances históricos contemporâneos possam ser propostas com base em seus estudos.

Contar uma história implica em muito mais do que querer contá-la como ela realmente aconteceu, pois cada envolvido terá um ponto de vista diferente deste acontecimento, que será criado a partir do seu ângulo de visão, a partir de seu conhecimento de mundo e suas experiências vividas. O contar a história “verdadeira” é, então um trabalho discursivo, carregado de subjetividades e objetivos.

Na contemporaneidade, passou a ser fundamental a reflexão sobre as verdades contadas pelos historiadores: existiria mesmo uma versão exata dos fatos, imparcial, que revelasse tudo como realmente ocorreu, ou a história poderia ser (re)contada e (re)criada inúmeras vezes, dependendo do ponto de vista do historiador?

Grande parte dos estudos sobre a produção de romances históricos contemporâneos tem como base teórica as vertentes apontadas por Seymour Menton em sua obra *La nueva novela histórica de la América Latina 1979-1992* (1993) ou a metaficção historiográfica, apresentada por Linda Hutcheon (1991). É certo que esses estudos realizados pelos dois autores há tempos já não dão conta de toda a produção do gênero, deixando lacunas a serem preenchidas quanto às características de algumas obras que não se enquadram em nenhuma das fases ou conceitos apontados.

Assim, a presente pesquisa se propõe a elucidar o seguinte questionamento: Quais as características estilísticas presentes na obra *A República dos Bugres* (1999) que a aproximam da fase mediativa do romance histórico contemporâneo?

Diante das características da obra *A República dos Bugres* (1999), percebe-se que ela não se encaixa nas definições de Seymour Menton (1993), tampouco limita-se às concepções apresentadas por Linda Hutcheon (1991), uma vez que suas particularidades vão além das características citadas por eles.

Uma nova possibilidade de análise das escritas híbridas de história e ficção contemporâneas é o romance histórico contemporâneo de mediação, fase apresentada recentemente pelo professor Gilmei Francisco Fleck (2017), que dá conta da produção mais atual do gênero, bem como também algumas obras não tão atuais, mas que não se encaixavam em nenhuma das vertentes supracitadas.

O presente artigo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, a qual visa evidenciar as relações entre literatura e história, utilizando como base leituras de diferentes teóricos que discutem as características e a trajetória do romance histórico.

A metodologia a ser utilizada na elaboração do presente trabalho estará

pautada na pesquisa bibliográfica e será desenvolvido um estudo crítico-analítico, guiado pela análise literária da obra e dos estudos do gênero, presentes na obra de Fleck (2017). Pretende-se realizar uma análise literária dos recursos narrativos e estruturais presentes na obra, a fim de aproximá-la da fase mediativa do romance histórico, evidenciando as suas características.

Intenciona-se evidenciar também, além desses elementos, a polifonia presente na obra – com a multiplicidade de narradores (vozes excêntricas dos excluídos da história oficial) –, as intertextualidades, a paródia e a sátira, haja vista que a proposta se fundamenta na perspectiva teórica da Literatura Comparada, a qual utiliza processos de leitura e interpretação, e análise literária.

Objetiva-se, ainda, caracterizar a obra *A República dos Bugres* (1999) como um romance histórico contemporâneo de mediação, evidenciando as características que a aproximam da fase mediativa do gênero; apresentar pontos específicos do gênero romance histórico e de suas fases, bem como as características presentes em cada uma delas; tratar das características do romance histórico e da relevância do gênero para que os fatos históricos possam ser vistos por outros ângulos, não somente pelo viés do vencedor, mas também pelo olhar das minorias excluídas ou silenciadas durante a construção da história; apontar como a obra em questão se aproxima da fase mediativa do romance histórico contemporâneo; e evidenciar as estratégias narrativas utilizadas pelo autor Ruy Tapioca para justificar um período contemporâneo, retratando uma realidade de fatos históricos que refletem até os dias atuais na formação do povo brasileiro.

## **2 REFLEXÕES ACERCA DAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS**

A presente pesquisa se insere no campo dos estudos da literatura comparada, com ênfase nas releituras da história pela ficção, tendo como tema as características do gênero romance histórico em sua fase mediativa (Fleck, 2017), presentes na obra *A República dos Bugres* (1999), de Ruy Tapioca.

O autor Ruy Reis Tapioca nasceu no dia 18 de setembro do ano de 1947, em Salvador - BA. Seu sobrenome original é Drumond, Tapioca seria uma herança do avô comerciante, conhecido por “homem da Tapioca”. Uma marca pessoal do autor, constantemente presente em suas obras é a forma leve com a qual satiriza questões

políticas e sociológicas do país, tecendo críticas à formação da nação brasileira. A obra *A República dos Bugres* (1999) já foi digna dos prêmios Guimarães Rosa - concedido pelo governo do Estado de Minas Gerais -, da Biblioteca Nacional e da União Brasileira dos Escritores.

O romance *A República dos Bugres*, de Ruy Tapioca, foi publicado em 1999, alusivo à comemoração dos 500 anos do descobrimento do Brasil, quando vários gêneros artísticos eram incentivados pela indústria cultural brasileira a realçarem esta data. Antônio Roberto Esteves, em sua obra *O romance histórico brasileiro contemporâneo* (1975-2000), traz reflexões acerca das produções literárias concebidas neste período, segundo Esteves,

Nesse fim de milênio as comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil, mais interessadas em fazer circular mercadorias que discutir os sentidos do descobrimento, movimentaram os meios culturais do País, e evidentemente também o mercado editorial (Esteves, 2010, p. 77).

Seymour Menton (1993) trata da mesma temática, a vasta produção de obras literárias na época dos quinhentos anos do descobrimento da América: “*el factor más importante en estimular la creación y la publicación de tantas novelas históricas en los três últimos lustros há sido la aproximación del quinto centenário del descubrimiento de América*”<sup>3</sup> (Menton, 1993, p. 48).

Como toda construção narrativa parte da perspectiva de quem a escreveu, podendo o discurso ser subjetivo, e partindo do pressuposto de que a história positivista é um compilado de discursos feitos pelo viés do vencedor (homem, branco, detentor do poder), acredita-se que deva haver outras versões da história, silenciadas por se tratarem de vozes marginais, como a de mulheres, povos nativos, negros e tantas outras pessoas à margem da sociedade ao longo da história da humanidade. Jean-Claude Schmitt, em sua obra *A história dos marginais* (1988), vai tratar dessa temática, sobre como reconstituir aquilo que não foi dito, como resgatar uma história silenciada durante séculos. Segundo o autor,

[...] os historiadores da marginalidade começaram preenchendo estas lacunas da história tradicional, trazendo de volta a memória os esquecidos da história: simples vagabundos, criminosos obscuros, bruxos de aldeias ou prostitutas. [...] No caso presente, a pergunta é mais árdua ainda: como ouvir

---

<sup>3</sup> Nossa tradução livre: o fator mais importante para estimular a criação e publicação de tantos romances históricos nas últimas três décadas foi a aproximação do quinto centenário do descobrimento da América.

a voz dos marginais do passado, quando, por definição, ela foi sistematicamente abafada pelos detentores do poder, que falavam dos marginais, mas não os deixavam falar (Schmitt, 1988, p. 284).

Em favor de uma história mais justa, o romance histórico, em certa medida, vai ser o responsável por dar voz àqueles que não puderam falar, o responsável por contar a história a partir da margem, por desconstruir a verdade absoluta, responsável por fazer o leitor refletir e repensar sobre aquilo que pode ter acontecido e aquilo que o fizeram acreditar que realmente aconteceu. Conhecer personagens de dentro da história que se aproximam da realidade do leitor, pessoas de verdade – embora personagens ficcionais – os fazem acreditar que existem inúmeras possibilidades de se contar um fato histórico, e que a visão centralizada que se conhece, pode sim, ter sido privilegiada por interesses maiores.

Segundo Jim Sharpe, em sua obra *A história vista de baixo* (1992),

[...] a história vista de baixo ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar. Mas também, como o passar dos anos, vai desempenhar um importante papel, ajudando a corrigir e a ampliar aquela história política da corrente principal que é ainda o cânone aceito nos estudos históricos britânicos (Sharpe, 1992, p. 62).

Criar uma nova versão dos fatos históricos não significa, necessariamente, negar os fatos estabelecidos por meio de documentos oficiais, mas sim, questionar, problematizar, e promover a reflexão dos leitores sobre estes fatos, permitindo que haja uma melhor compreensão dos fatos presentes, como explica Fleck (2017), já na introdução de seu livro:

A leitura crítica dessas escritas que combinam o histórico e o ficcional consiste, pois, na compreensão dessa sobreposição de diferentes visões do mesmo evento. Ao reconfigurar, ficcionalmente, um fato histórico, o romancista, inevitavelmente, trabalha com um passado que já foi reconstruído pelo historiador (Fleck, 2017, p. 19).

Na escrita do romance histórico não existem verdades imutáveis, o autor deverá recontar a história oficial por meio de outros pontos de vista. Por isso, o conhecimento cultural sobre os mais diversos assuntos nacionais é de fundamental importância ao romancista preocupado em recriar o passado histórico e compreender o presente. Assim, o escritor Ruy Tapioça, na obra em estudo, realiza uma reflexão

acerca da contemporaneidade no Brasil, relacionando-a ao passado e tratando das condições históricas da época da colônia, questionando-as e recriando-as no comportamento de suas personagens, ficcionais ou não.

O gênero romance histórico teve algumas fases desde o seu surgimento, em seu primeiro momento, partindo da modalidade pioneira de Walter Scott, o gênero, segundo Fleck (2017), teve sua fase acrítica, com a modalidade clássica, na qual não há um protagonismo por parte de personagens históricos, apenas uma representação de um período histórico. Nesta fase foram retratados temas de identidade nacional, mas não houve nenhum interesse em recontar o passado, mas sim reconfigurar o ambiente para uma história de amor entre personagens ficcionais, dessa modalidade deriva a fase tradicional.

Pensando que os discursos presentes tanto no texto histórico, quanto no texto literário, partem da perspectiva de quem o escreveu, um dando conta de fatos tidos como verdadeiros e outro da verossimilhança, entende-se que cada um destes discursos traz consigo uma carga de subjetividade, sendo tendenciosa em alguns momentos, pois ambas as escritas têm objetivos específicos. Segundo o professor e estudioso do gênero, Dr. Gilmei Francisco Fleck, na sua obra supracitada,

[...] desse modo, vemos que, mesmo resultantes de uma base comum – a manipulação da linguagem em um discurso articulado –, há diferenças entre os fundamentos de uma e outra áreas aqui relacionadas. A narrativa histórica e a literária são associadas, respectivamente, a construção discursiva da veracidade/‘verdade’, de um lado, e da verossimilhança, de outro. Isso estabelece entre elas também as devidas especificidades que as fazem ocupar espaços diferentes na estrutura organizacional do conhecimento: história é ciência e literatura é arte (Fleck, 2017, p. 27).

O gênero romance histórico tem características específicas e subdivide-se em outros modelos peculiares. De acordo com a definição de Seymour Menton (1993), “*En el sentido más amplio, toda novela es histórica, puesto que, en mayor o menor grado, capta el ambiente social de sus personajes, hasta de los más introspectivos*”<sup>4</sup> (Menton, 1993, p. 31).

Na sequência deste modelo é possível notar a modalidade tradicional de romance histórico, que se diferencia do modelo clássico no que tange às personagens e à função do material histórico inserido no romance. A respeito do tema, Fleck

---

<sup>4</sup> Nossa tradução livre: No sentido mais amplo, todo romance é histórico, pois, em maior ou menor grau, captura o ambiente social de seus personagens, mesmo os mais introspectivos.

destaca que “[...] desaparece a estrutura do *pano de fundo histórico*, comum no romance clássico, e o evento histórico e seus protagonistas focalizados na narrativa ficcional constituem o eixo único do romance” (Fleck, 2017, p. 50).

Na modalidade tradicional não há críticas e a história tradicional determina o enredo da ficção. Os dois discursos, o histórico e o ficcional, se aproximam e a ficção reforça o valor das personagens e suas ações. A segunda característica do modelo tradicional, ainda segundo Fleck (2017), é

[...] a ideologia que perpassa a escrita do romance histórico tradicional comunga com o da historiografia na intenção da construção de um discurso que exalta e/ou mitifica o herói do passado pela aclamação de suas qualidades e pelo valor de suas ações, revelando-se como modelo de sujeito do passado para o cidadão/leitor do presente (Fleck, 2017, p. 50).

A construção da ficção dentro do modelo tradicional do romance histórico resulta na verossimilhança com a “verdade histórica” e os dois discursos então se aproximam, a fim de reafirmar uma história que já foi contada, a partir dos discursos oficiais, recriando os mesmos heróis a partir de um viés acrítico. Ainda segundo Fleck, “[...] ao centralizar a atenção em personagens bem conhecidas e suas ações, o relato ficcional reelabora o passado registrado pela história com tons efusivos e consagra, desse modo, a versão perpetrada pelo discurso historiográfico” (Fleck, 2017, p. 50).

Outra característica é a ideologia presente na modalidade tradicional do romance histórico, ainda de acordo com o professor,

[...] prevalece, na narrativa do romance histórico tradicional, a intenção de ensinar a versão histórica hegemônica do passado ao leitor. Isso acarreta, muitas vezes, um acentuado didatismo ao romance e a sobreposição dos elementos históricos na tessitura da narrativa. Nesse contexto, o conteúdo histórico a ser ensinado ao leitor no romance ganha o aval de uma perspectiva muitas vezes bastante convincente, ancorada no foco narrativo escolhido como voz enunciativa do discurso (Fleck, 2017, p. 50).

Mesmo que o romance histórico tradicional ainda seja escrito na contemporaneidade da América Latina, a partir do século XX, começa a existir uma produção crítica, que se utiliza do gênero em questão para questionar as tais “verdades” contadas pela história tradicional.

A segunda fase é a crítica, desconstrucionista, com modalidades como o novo romance histórico latino-americano e a metaficção historiográfica. Já a terceira, e mais

atual fase, é a mediativa, com a modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação,

[...] a essas releituras críticas do passado pela ficção – mais simplificadas em termos de estrutura e linguagem – que procuraram incorporar aspectos oriundos da escrita do romance histórico tradicional, aliados com algumas das premissas das modalidades críticas e desconstrucionista que visam à criticidade das releituras da história pela literatura, é que denominamos romances históricos contemporâneos de mediação (Fleck, 2017, p. 97).

A história presente na obra *A República dos Bugres* (1999) inicia no período da vinda da Família Real portuguesa para o Brasil, em 1808, que trouxe com ela o menino Quincas, personagem ficcional que representa um filho bastardo do Príncipe Regente D. João, com dez anos de idade, que aqui viveu como um cidadão comum, acompanhando de perto grande parte da história brasileira do século XIX, desde quando a colônia passa a ser reino unido, depois a época do Primeiro e do Segundo Reinados, permeando também a época dos movimentos abolicionistas, da decadência do Império, da Guerra do Paraguai, da conspiração republicana até os idos tempos da Proclamação da República, em 1889.

A narrativa ficcional de *Tapioca* é organizada em três planos narrativos, cujo primeiro tem como narrador o Comendador Menezes d' Oliveira e como espaço o sobrado da Rua da Carioca; na sequência, o segundo plano apresenta dois narradores: um irônico e um neutro, e o foco narrativo varia constantemente entre Brasil, Portugal e o Rio de Janeiro, sem apresentar um espaço delimitado; o narrador do terceiro plano é o Padre Jacinto Venâncio, e o espaço passa a ser a Guerra do Paraguai.

Em relação ao foco narrativo, os comentários sarcásticos e irônicos, com certo tom proverbial, antecipam o que acontecerá no romance. O leitor deve ficar atento também quanto à mudança de tempo dentro da obra.

Além do filho bastardo de D. João, outra personagem de destaque na obra é Jacinto Venâncio, um menino escravizado que teve o papel de iniciador de Quincas no Rio de Janeiro. Após alguns episódios da narrativa, Venâncio foi libertado da escravidão graças ao amigo, se tornando então, pároco da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Pretos e capelão, na Guerra do Paraguai.

Mais uma personagem fundamental da trama é o Bacharel Viegas de Azevedo, que veio para o Brasil quando houve um terremoto em Lisboa, em 1755, e foi quem

iniciou Quincas no universo intelectual, sendo responsável por grandes influências na formação pessoal dele.

A obra conta com um narrador bastante irônico, que utiliza parágrafos longos com uma linguagem que abarca o vocabulário chulo até o português arcaico, criando um vínculo com o leitor, quando explica detalhes da história ou reforça seu papel de narrador, ou ainda quando prevê o que vai acontecer na história do país.

O romance trata, em certa medida, de uma dualidade entre Brasil e Portugal, quando o próprio narrador ou as personagens revelam ao leitor que esta rivalidade existe, na intenção de tratar dos problemas atuais, mas que surgiram no passado, como o jeitinho brasileiro, a corrupção (ativa e/ou passiva), a demagogia presente nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, e outros tantos existentes no dia a dia do Brasil. No seguinte excerto do livro, o protagonista Quincas reflete, de forma irônica, sobre esta dualidade:

Bem sabes o suplício que foi o ofício de desasnar imensas gentes de reinóis e de gentios botocudos, lusitanos uns, brasileiros outros, irmãos colaços da burrice mundial, aqueles absolutos na Europa, estes inalcançáveis na América, herdeiros incontestes das maiores obtusidades mentais conhecidas entre os povos da humanidade! Seria ocioso demonstrar as evidências que atestam a singularidade da história arquiburice dos portugueses, não fosse eu, desafortunadamente, um deles (Tapioca, 1999, p. 16).

Assim, dando voz aos esquecidos da História, contando com múltiplos narradores, mesclando personagens reais e fictícias, o autor baiano tenta elucidar as causas que refletem nos problemas presentes no painel contemporâneo brasileiro. Na última epígrafe da obra, Dom Pedro II, em carta ao sobrinho, datada de 30 de setembro de 1888, desacreditado, desabafa:

República no Brasil é coisa impossível porque será verdadeira desgraça. Os brasileiros estão e estarão muito mal-educados para republicanos. O único sustentáculo do nosso Brasil é a monarquia; se mal com ela, pior sem ela. Não te metas em questões republicanas, porquanto república no Brasil e desgraça completa é a mesma coisa (Tapioca, 1999, 467).

Na construção narrativa, Ruy Tapioca utiliza a ironia e o tom picaresco para desconstruir a história oficial. Com doses de discurso filosófico e intertextualidades, o autor articula passado e presente dos fatos históricos com fluidez, mesclando distintos discursos culturais e fazendo o uso constante da paródia, recurso, atualmente, muito presente em diversas artes, como na música ou nas artes plásticas, inclusive na

literatura. E é por meio desta reelaboração da história, deste discurso re-criado, que os escritores alcançam a história a ser resgatada – visando desconstruir o discurso oficial – segundo Linda Hutcheon (1985): “A paródia é, pois, uma via importante para que os artistas modernos cheguem a um acordo com o passado – através da recodificação irônica” (Hutcheon, 1985, p. 185). Assim, a paródia atua como um fator importante na produção do romance histórico contemporâneo, sendo utilizada neste “acordo” com o passado.

Assim, ao analisar a obra, pode-se perceber, em grande medida, as características do romance histórico contemporâneo de mediação, trazidas por Fleck (2017), presentes na criação narrativa de *A República dos Bugres* (1999), como por exemplo a obra não pretender enaltecer a história oficial presente nos livros didáticos “diferentemente das narrativas tradicionais, que ainda seguem, em boa parte, os parâmetros dos cânones europeus: engrandecer heróis do passado como modelos para o presente e ensinar história ao leitor” (Fleck, 2017, p. 109), mas sim fazer uma releitura dos fatos históricos da nação brasileira da época retratada.

A linguagem utilizada pelo autor é distinta em cada grupo representado na obra, como por exemplo, na recriação da fala coloquial dos portugueses, marcada por termos de época, com palavras que caíram em desuso, sendo essa linguagem diferenciada, de acordo com a divisão de classes, diante de personagens que têm algum prestígio ou autoridade, ou aqueles que são apresentados como subalternos, caracterizando outra particularidade da fase mediativa, conforme aponta Fleck (2017):

Emprego de uma linguagem amena, fluída e coloquial [...] Estas obras, porém, dão especial atenção ao processo narrativo e, em vários casos, modernizam a linguagem dos tempos passados para aproximá-la daquela empregada por seus leitores, mas, em outros casos, valem-se de uma linguagem mais arcaica para criar verossimilhança na narrativa (Fleck, 2017, p. 111).

Como um exemplo da linguagem popular presente no texto, observa-se a oralidade retratada na fala do negro Anacleto em um diálogo com padre Venâncio: “É aprecise transformá essa terra de papagaiis e de portuga reimôsu em nação de gente nacioná!” (Tapioca, 1999, p. 50).

Visando recriar o objeto narrado por meio de um olhar crítico, o autor parodia figuras históricas, literárias e filosóficas e, também, fatos históricos, recriando um passado nacional já esquecido. O uso desses elementos também é apontado por

Fleck (2017) como sendo uma das características da fase mediativa do romance histórico contemporâneo, segundo o professor,

A elaboração do romance histórico contemporâneo de mediação aproveita-se, também, de recursos escriturais bakhtinianos como a dialogia, a polifonia, as intertextualidades, além, é claro, da paródia. Tais procedimentos são igualmente essenciais na constituição dos novos romances históricos e das metaficções historiográficas, sendo preferencialmente utilizados pelo romance histórico contemporâneo de mediação em detrimento de outros recursos escriturais mais fortemente desconstrucionistas, como é o caso da carnavalização, da ironia, do multiperspectivismo e das anacronias exacerbadas (Fleck 2017, p. 111).

É comum que sejam buscadas, dentro do trabalho de investigação que antecede a escrita do romance histórico, obras anteriores para serem analisadas, decodificadas e recodificadas em favor do autor, que irá questionar aspectos não problematizados no texto parodiado – no caso de *A República dos Bugres*, instituições políticas e governamentais de época.

Em suma, o que o romance de Ruy Tapioca apresenta são momentos históricos recriados por meio da paródia e da sátira, com boa dose de criatividade estilística, como no momento em que o autor cria o encontro do professor Quincas com o escritor Machado de Assis: “O mulatinho Joaquim Maria, de oito anos de idade, de aparência enfermicha, tímido e raquítico, era de origem muito humilde” (Tapioca, 1999, p. 351).

Na narrativa ficcional ocorre também, essa refiguração de figuras históricas, almejando desmitificar os acontecimentos do passado colonial português, questionando a construção feita pelos historiadores clássicos. O autor cria, no romance em questão, uma ironia em suas personagens picarescas, que serve também como metáfora para a compreensão do sujeito mau caráter no Brasil contemporâneo.

Assim, as características evidenciadas na obra, que a classificam como um romance histórico contemporâneo de mediação, mostram a dualidade entre História e ficção, a polifonia presente na obra – com a multiplicidade de narradores (vozes ex-cêntricas dos excluídos da história oficial) –, as intertextualidades, a paródia e a sátira, características que se aproximam à teoria de Fleck sobre a fase mediativa do gênero, a leitura de outros romances históricos, que também apresentem estas peculiaridades.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *A República dos Bugres* (1999), de Ruy Tapioca, faz um panorama do Brasil desde a vinda da família real portuguesa, em 1808, até o período da Proclamação da República, em 1989, recriando fatos que passam a ser contados por várias vozes que não participam do discurso oficial. Além da crítica presente na história, as lacunas existentes na História positivista abrem espaço para que novas ideias do que pode ter acontecido acabam surgindo, levando o leitor a participar desta história, refletindo sobre como aconteceu este período da construção da nação.

O que o autor faz, por meio de uma linguagem fluída e uma recriação da oralidade das personagens (a fala que parte de vários lócus enunciativos), é aproximar o leitor da época da história que está sendo contada, criando uma verossimilhança louvável que faz com que os discursos histórico e ficcional se misturem a ponto de ser uma só história. A paródia utilizada ao longo da obra dá o tom pitoresco que envolve o leitor na trama, ao mesmo tempo em que auxilia neste processo de reflexão acerca da personalidade do brasileiro.

Diante das características da obra, percebe-se que ela não se encaixa nas definições de Seymour Menton, como um Novo romance histórico (Menton, 1993), porque suas particularidades vão além das características citadas por ele.

Nota-se que todas as características do romance histórico contemporâneo de mediação, segundo a obra de Fleck (2017), encontram-se presentes na obra: “1- Uma releitura crítica verossímil do passado; 2- Uma narrativa linear do evento histórico recriado; 3- Foco narrativo geralmente centralizado e ex-cêntrico; 4- Emprego de uma linguagem amena, fluída e coloquial; 5- Emprego de estratégias escriturais bakhtinianas; 6- Presença de recursos metaficcionais” (Fleck, 2017, p.109 – 111).

Assim, as características evidenciadas na obra, que a classificam como um romance histórico contemporâneo de mediação, mostram a dualidade entre História e ficção, a polifonia presente na obra – com a multiplicidade de narradores (vozes ex-cêntricas dos excluídos da história oficial) –, as intertextualidades, a paródia e a sátira, características as quais podem aproximar à obra, a leitura de outros romances históricos, que também apresentem estas peculiaridades.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética. A teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- CANDIDO, A. *et al.* **A personagem de ficção**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.
- ESTEVES, A. R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- FLECK, G. F. **O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção**. Curitiba: CRV, 2017.
- HUTCHEON, L. **A poética do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- HUTCHEON, L. **Um teoria da paródia**. Trad. Tereza Louro Pérez. Lisboa: Ed. 70, 1985.
- LUKÁCS, G. **La novela histórica**. Trad. Jasmin Reuter. 3. ed. México: Era, 1977.
- MENTON, S. **La Nueva Novela Histórica de América Latina 1979-1992**. México. Fondo de Cultura Económica, 1993.
- MIGNOLO, W. Lógica das diferenças e política das semelhanças: da Literatura que parece História ou Antropologia, e vice-versa. *In*: CHIAPPINI, L.; AGUIAR, F. W. de. **Literatura e História na América Latina**. São Paulo: Edusp, 1993.
- OLIVEIRA, C. M. **O novo romance histórico brasileiro em travessias: A república dos bugres e Conspiração barroca, de Ruy Reis Tapioca**. 2016 (Tese) UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/173266>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- SCHMITT, J.C. A história dos marginais. *In*: LE GOFF, J. **A história nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- SHARPE, J. A história vista de baixo. *In*: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 39-62.
- TAPIOCA, R. **A República dos Bugres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- TAVARES, H. M. **Permanências e Rupturas na Obra A República dos Bugres do escritor Ruy Tapioca**. Revista Tríás: revista eletrônica online de Filosofia, História, Literatura e Ciências Sociais, v. 1, p. 1-11, 2011. Disponível em:

<http://revistatrias.pro.br/artigos/ed-3/permanencias-e-rupturas-na-obra-a-republica-dos-bugres.pdf>. Acesso em 15 jul. de 2022.

WEINHARDT, M. **A República dos Bugres:** a Atenas da América ou uma Botocúndia.

P: Portuguese Cultural Studies, v. 1, p. 63-72, 2007. Disponível em: <http://www2.let.uu.nl/solis/psc/p/PVOLUMEONEPAPERS/P1WEINHARDT.pdf>.

Acesso em 15 jul. de 2022.